



POSSO TER
alegria em
MINHA VIDA?

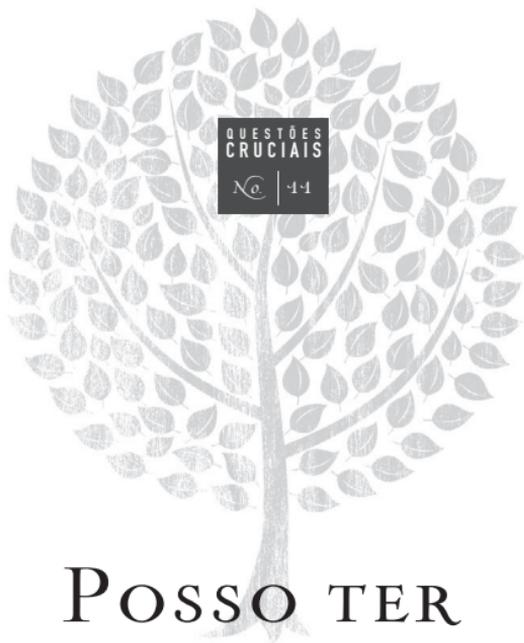
R. C. SPROUL

QUESTÕES
CRUCIAIS

Nº. | 11



POSSO TER
alegria em
MINHA VIDA?



POSSO TER
alegria em
MINHA VIDA?

R. C. SPROUL



Caixa Postal 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Posso ter alegria em minha vida?
Traduzido do original em inglês
Can I have joy in my life?, por R. C. Sproul
Copyright © 2012 by R. C. Sproul



Publicado por Reformation Trust Publishing
a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2013 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2013
1ª Reimpressão 2014



*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária*
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Diretor: James Richard Denham III.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine Regina Oliveira dos Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
ISBN: 978-85-8132-154-7

Sumário

PALAVRA INTRODUTÓRIA	7
1 - NÃO SE PREOCUPE, SEJA ALEGRE	11
2 - MOTIVO DE TODA ALEGRIA	23
3 - COMO ENTENDER A ALEGRIA?.....	35
4 - A MAIOR ALEGRIA	47
5 - PLENITUDE DE ALEGRIA	59



Palavra Introdutória

A BUSCA PELA FELICIDADE

VOCÊ É FELIZ?

Aristóteles, filósofo grego da antiguidade, afirmou que “Todos os homens aspiram à vida feliz e à felicidade, esta é uma coisa manifesta”. Blaise Pascal, filósofo e matemático francês do século XVII, concordou com essa afirmação ao dizer: “Todos os homens procuram ser felizes. Isso não tem exceção, por mais diferentes que sejam os meios empregados. É o motivo de todas as ações, de todos os homens, até daqueles que vão se enforcar”. Machado de Assis, jornalista e

literata brasileiro do século XIX, fala do homem que busca a “quimera da felicidade”. O famoso documento de Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776) fala da felicidade como direito fundamental: “todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. No Brasil, a emenda à Constituição nº 49, de 2010, proposta pelo senado, visa alterar o artigo 6º para incluir a “busca da felicidade por cada indivíduo e pela sociedade”.

Alguns falam da felicidade como um momento ou momentos. Outros dirão que é preciso construí-la ou conquistá-la. O fato é que todo ser humano está envolvido na busca pela felicidade. Seja por um esforço consciente, direto e intencional ou de modo indireto e mais subjetivo, buscar um estado de felicidade e alegria é uma finalidade intrínseca à humanidade. A felicidade é a grande aspiração do ser humano.

A Bíblia fala de felicidade. Fala de alegria verdadeira, plena, duradoura e de como alcançá-la. Na verdade, a Bíblia concorda com toda a noção de que

o homem foi feito para ser feliz e de que ele deve mesmo buscar a felicidade. O escritor cristão C. S. Lewis dirá que o problema do homem não é a busca pela felicidade, mas o fato dele buscá-la nos lugares errados e de se contentar com pouco, muito pouco. A Bíblia ensina que Deus criou o homem para ser feliz e que essa felicidade estava ligada ao relacionamento de Deus com a humanidade. Esse relacionamento foi rompido. O homem não quis saber de Deus e se afastou dele em rebeldia. Ele quis independência de Deus e achou que seria feliz, mas perdeu a felicidade.

No entanto, Deus, em bondade e amor, a oferece de volta à humanidade. Ele a oferece em seu Filho, Jesus. Cristo fez, em sua vida e morte, a reconciliação entre Deus e os homens e devolveu a verdadeira felicidade a todo aquele que confia sua vida a ele. Isso envolve se arrepender de seus pecados e crer em Cristo. Se arrepender de pecados é passar a vê-los como eles realmente são: práticas e pensamentos que transgridem a lei de Deus e resultam em afastamento dele. Crer em Jesus é confiar nele, confiar que ele é quem diz ser – o Deus encarnado, Salvador e Senhor – e que só ele é capaz de

fazer o que prometeu – aproximá-lo de Deus e lhe dar vida abundante, plena de felicidade.

Nesse livro, temos um pequeno manual da felicidade. O Dr. R. C. Sproul mostra que a Bíblia sagrada chama todos os homens e mulheres a serem felizes. Você o recebeu num contexto festivo, que é a Copa do Mundo de 2014, no Brasil. É certo que você está em busca de uma experiência marcante de alegria, diversão e felicidade. Então dedique um tempo para ler esse livro. Ele te ajudará a responder a pergunta que abre essa introdução: você é feliz?

Ministério Fiel e Ministério Ligonier



NÃO SE PREOCUPE, SEJA ALEGRE

A palavra *alegria* aparece muitas vezes nas Escrituras. Por exemplo, os Salmos estão cheios de referências à alegria. Os salmistas escreveram: “Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5^b) e: “Celebrai com júbilo ao SENHOR, todos os confins da terra” (Sl 98.4). De modo semelhante, no Novo Testamento lemos que a alegria é um fruto do Espírito Santo, e isso significa que a alegria é uma virtude cristã. À luz desta ênfase bíblica, precisamos entender o que é a alegria e buscá-la.

Às vezes, temos dificuldade para compreender o conceito bíblico de alegria, por causa da maneira como ela é definida e descrita na cultura ocidental contemporânea. Em específico, confundimos alegria com felicidade. Nas bem-aventuranças (Mt 5.3-11), de acordo com a versão tradicional, Jesus disse: “*Bem-aventurados* os humildes de espírito... *Bem-aventurados* os que choram... *Bem-aventurados* os mansos” (Mt 5.3-5, ênfase acrescentada), e assim por diante. Às vezes, porém, os tradutores adotam a linguagem moderna e nos falam que Jesus disse *feliz* e não *bem-aventurado*. Sempre me acautelo um pouco quando vejo isso, não porque me oponho à felicidade, mas porque, em nossa cultura, a palavra *feliz* tem sido sentimentalizada e trivializada. Como resultado, ela denota certa superficialidade. Por exemplo, há alguns anos, Charles M. Schulz, na tira de quadrinhos *Minduim*, cunhou o ditado “Felicidade é um cachorrinho peludo”, que se tornou uma máxima que expressava uma ideia de felicidade como algo sentimental, *agradável e reconfortante*. E houve aquela canção intitulada “Não se Preocupe, Seja Feliz”, lançada por Bob McFerrin nos anos 1980. Ela sugeria uma atitude de deleite irresponsável e arrogante.

No entanto, a palavra grega usada nas bem-aventuranças é melhor traduzida por *bendito*, porque comunica não somente a ideia de felicidade, mas também de paz, conforto, estabilidade profunda e grande alegria. Por isso, precisamos ter cuidado quando vamos ao texto do Novo Testamento, para que não o leiamos com as lentes do entendimento popular sobre felicidade e, assim, percamos o conceito bíblico de alegria.

Pense outra vez na canção de McFerrin. À luz de uma perspectiva contemporânea, a letra da canção é muito incomum. Quando ele cantava: “Não se preocupe, seja feliz”, estava emitindo um imperativo, uma ordem: “Não fique ansioso. Em vez disso, seja feliz”. Ele estava expressando um dever, não fazendo uma sugestão. Entretanto, nunca pensamos na felicidade desta maneira. Quando estamos infelizes, pensamos que é impossível decidir, por um ato da vontade, mudar nossos sentimentos. Somos tendentes a pensar na felicidade como algo passivo, algo que nos acontece e sobre o qual não temos nenhum controle. É involuntário. Sim, desejamos ser felizes e queremos ter esta experiência, mas estamos

convencidos de que não podemos criá-la por um ato da vontade.

Estranhamente, o pensamento na música de McFerrin parece muito com o ensino do Novo Testamento, quando ordena que seus ouvintes sejam felizes. Repetidas vezes, nas páginas do Novo Testamento, a ideia de alegria é comunicada como um imperativo, como uma obrigação. Baseado no ensino bíblico, eu chegaria a dizer que ser alegre é o dever do cristão, a sua obrigação moral. Isso significa que o fracasso em ser alegre é um pecado, que a infelicidade e a falta de alegria são, de alguma maneira, manifestação da carne.

É claro que há ocasiões em que ficamos cheios de tristeza. O próprio Jesus foi chamado de “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53.3). As Escrituras nos dizem: “Melhor é ir à casa onde há luto, do que ir à casa onde há banquete” (Ec 7.2). Mesmo no Sermão do Monte, Jesus disse: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5.4). Se a Bíblia nos diz que é perfeitamente legítimo experimentar choro, tristeza e pesar, estes sentimentos não são pecaminosos.

No entanto, desejo que você saiba que as palavras de Jesus poderiam ser traduzidas por “Jubilosos são aqueles que choram”. Como uma pessoa pode estar chorando e, ao mesmo tempo, ser jubilosa? Bem, penso que não podemos explicar facilmente esta questão. A essência do conceito do Novo Testamento é esta: uma pessoa pode ter uma alegria bíblica mesmo quando está lamentando, sofrendo e passando por circunstâncias difíceis. Isto é verdade porque o lamento da pessoa está direcionado a uma preocupação, mas, naquele mesmo momento, ela possui uma medida de alegria. Falarei mais sobre isto no capítulo seguinte.

COMO PODEMOS NOS ALEGRAR SEMPRE?

Em sua Epístola aos Filipenses, o apóstolo Paulo fala sobre alegria e sobre o dever cristão de alegrar-se constantemente. Por exemplo, ele escreve: “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fp 4.4a). Este é um dos imperativos bíblicos sobre a alegria e não deixa lugar para o não alegrar-se, porque Paulo diz que os cristãos devem se alegrar sempre – não às ve-

zes, não periodicamente, não ocasionalmente. Ele acrescenta: “Outra vez digo: alegrai-vos” (v. 4b). Paulo escreveu esta epístola quando estava na prisão e nela tratou de vários assuntos solenes, como a possibilidade de que fosse martirizado, oferecido como um sacrifício (2.17). Contudo, ele disse aos crentes de Filipos que eles deveriam se alegrar, apesar das circunstâncias.

Isso nos traz de volta ao assunto de como podemos ser alegres, como uma questão de disciplina ou de vontade. Como é possível permanecermos alegres em todo o tempo? Paulo nos conta o segredo: “Alegrai-vos sempre *no Senhor*” (ênfase acrescentada). O segredo para a alegria do cristão é a sua fonte, que é o Senhor. Se Cristo está em mim, e eu estou nele, esse relacionamento não é uma experiência ocasional. O cristão está sempre no Senhor, e o Senhor está sempre no cristão. E isso é sempre a razão para alegria. Ainda que o crente não se alegre em suas circunstâncias, quando está passando por aflição, tristeza ou dor, ele pode se alegrar no Senhor. Nós nos alegramos no Senhor; e, como ele nunca nos deixa nem nos abandona, podemos nos alegrar sempre.

Visto que a alegria é um fruto do Espírito, nossa santificação é mostrada não somente por meio de nosso amor, paz, paciência, bondade e virtudes semelhantes, mas também por meio de nossa alegria (ver Gl 5.22-23). Não devemos esquecer que o fruto do Espírito Santo não é o mesmo que os dons do Espírito Santo. O Novo Testamento nos revela que o Espírito Santo distribui dons variados aos crentes por razões diversas. Nem todos possuem o dom de ensino. Nem todos possuem o dom de contribuir. Nem todos possuem o dom de administrar. Mas, quando consideramos o fruto do Espírito, não podemos dizer que alguns crentes têm o fruto de fidelidade, enquanto outros têm amor, ou que alguns cristãos têm o fruto de bondade e benignidade, enquanto outros têm paz e domínio próprio. Todo cristão tem de manifestar todo o fruto do Espírito. E, quanto mais crescemos na graça, quanto mais progredimos em nossa santificação, tanto mais benignos devemos ser, tanto mais pacientes devemos ser, tanto mais fiéis devemos ser e, obviamente, tanto mais alegres devemos ser.

Em termos simples, isto significa que a vida cristã não deve ser caracterizada por melancolia ou

uma atitude de infelicidade. Todos experimentamos dias maus, mas a característica básica de uma pessoa cristã é a alegria. Os cristãos devem ser as pessoas mais alegres no mundo, porque temos muitos motivos para sermos alegres. Essa é a razão por que Paulo não hesita em ordenar que seus leitores se alegrem.

COMO RECUPERAR A ALEGRIA

A admoestação de Paulo aos crentes para que sejam alegres pressupõe que eles podem fazer algo, se lhes falta a alegria. É claro que Paulo está certo, e o Novo Testamento está cheio de ensino sobre como podemos ser alegres. O método mais básico é focalizar a nossa atenção no fundamento de nossa alegria, a fonte de nossa alegria.

Em Filipenses, Paulo nos dá um dos ensinamentos mais práticos sobre isto: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (4.8). Isto é uma chamada para meditarmos nas coisas

do Senhor, voltarmos nossa atenção para as coisas de Deus. Quando estamos deprimidos, desanimados, irritados, aborrecidos ou, de alguma outra maneira, tristes, precisamos retornar à fonte de nossa alegria e, assim, veremos na perspectiva correta aquelas circunstâncias que estão minando a nossa alegria. As circunstâncias desta vida perderão sua importância, quando comparadas com aquilo que recebemos de Deus.

Às vezes, a nossa alegria é determinada pela intensidade das bênçãos mais recentes que experimentamos das mãos de Deus. Estamos sempre buscando pela experiência mais extasiante, pelo enlevo espiritual que nos estimulará e encherá de alegria, mas estes sentimentos intensos desaparecem. Quando vejo as coisas na perspectiva correta, sei que, se eu nunca experimentasse, em toda a vida, qualquer outra bênção além das que já recebi das mãos de Deus, eu teria motivo plausível para ser transbordante de alegria até ao dia de minha morte. Deus já me deu tanto pelo que devo ser agradecido, tanto que leva a minha alma ao deleite, à alegria e à satisfação, que eu deveria ser capaz de viver com base nessa abundância de bênçãos e permanecer alegre em todos os meus dias.

De fato, as boas notícias são que Deus não cessará de manifestar seu cuidado e dar-nos suas ternas misericórdias e bênçãos. Ele continua a fazer isso. E isso significa que, a cada novo dia que vivemos como cristãos, temos mais razões para nos alegrar do que tivemos no dia anterior. Passamos mais um dia recebendo o amor e os benefícios que Deus derrama sobre nós, todas as coisas que nos tornam alegres.

Qual é o grande inimigo da alegria? Conforme o Novo Testamento, parece que esse inimigo não é tanto a tristeza ou a aflição, e sim a ansiedade. Imediatamente após ordenar aos crentes de Filipos que se alegrassem sempre, Paulo continuou e disse: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (4.6-7). É quase como se Paulo tivesse sido uma testemunha ocular do Sermão do Monte e ouvido Jesus dizer aos seus discípulos: “Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto

ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?” (Mt 6.25). É a ansiedade que nos rouba a alegria. E o que é ansiedade, senão medo? O medo é o inimigo da nossa alegria. É difícil ficarmos alegres, quando estamos com medo.

Em todos os seus ensinamentos, a proibição que Jesus nos deu, mais do que qualquer outra, foi: “Não temais”. Isto é também um imperativo; e, de novo, a única solução é voltarmos ao nosso Pai. Precisamos buscá-lo em oração, ter comunhão com ele. Desta maneira, permanecemos junto à fonte de nossa alegria. Derramamos nossas ansiedades, e o fruto do Espírito amadurece em nós outra vez. Se entendemos quem Cristo é e o que ele fez por nós, temos uma nova dimensão da alegria.

Em última análise, a canção de McFerrin é quase correta. Não devemos nos preocupar, devemos ser alegres.



Capítulo Dois

MOTIVO DE TODA ALEGRIA

Uma das lições mais difíceis que temos de aprender como cristãos é como sermos alegres, em meio à tristeza e ao sofrimento. Entretanto, nestas circunstâncias, alegria não é opcional. Tiago nos diz: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (4.2). O que Tiago pretende dizer com estas palavras? E como podemos fazer o que ele nos ordena neste versículo?

Uma coisa é permanecermos num estado de alegria; outra coisa é considerarmos as nossas cir-

cunståncias como motivo de alegria. Quando Tiago nos diz: “*Tende por motivo de toda alegria*”, ele usa uma palavra que contém a ideia de reconhecer, considerar ou julgar. Ele está dizendo que, mesmo quando não nos sentimos alegres, no que diz respeito a uma tribulação pela qual estamos passando, temos de julgá-la – ou seja, considerá-la – um assunto de alegria. Temos de fazer isso não porque aquilo que estamos vivenciando é prazeroso, e sim porque, como Tiago diz, sabemos que “a provação da... fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (v. 3). Em outras palavras, tribulação, aflição e sofrimento produzem paciência dentro de nós. Portanto, algo bom nos acontece, mesmo em meio às provações. Por lembrarmos essa verdade, quando passarmos por tribulações, por mais insuportáveis que sejam, entenderemos que não são um exercício inútil e que Deus tem propósitos nelas; e seus propósitos são sempre bons.

O meu mentor, o Dr. John Gerstner, fez uma distinção interessante entre diferentes tipos de mal e diferentes tipos de bem. No que diz respeito às coisas que são boas, ele disse que há um “mau mal” e

um “bom mal”. Coisas que são “bons males” são, consideradas em e de si mesmas, destrutivas e dolorosas, mas, apesar disso, podem produzir o bem. Se isso não fosse verdade, como Deus poderia ter dito por meio do apóstolo Paulo: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28).

Portanto, Tiago está nos exortando a considerar a provação como um motivo de alegria, embora não haja nenhuma alegria, não porque estar envolvido em sofrimento e aflição nos traz regozijo, e sim porque Deus pode produzir o bem por meio dessa aflição e sofrimento. Ele age até nas situações difíceis, para a nossa santificação.

OLHANDO PARA O FUTURO GLORISO

Em um sentido, para sermos capazes de considerar as tristezas e as aflições terrenas como motivo de alegria, temos de cultivar a habilidade de pensar em relação ao futuro. Às vezes, a esperança cristã do céu é ridicularizada como “a ilusão do céu”. No

entanto, ela é uma realidade que nos dá consolo real, como exemplos da história comprovam.

Nos dias da escravidão nos Estados Unidos, havia poucos motivos para os escravos negros se sentirem felizes. Sua vida era cheia de dificuldades e sofrimentos. O labor de suas mãos era, dia após dia, trabalho cansativo e incessante. Estavam sempre em necessidade. Às vezes, as famílias eram separadas, quando indivíduos eram vendidos. Eles tinham uma existência miserável, mas, apesar disso, a música do gênero “Black Soul” daquele tempo está cheia de alegria. Acho que não é mera coincidência o fato de que o céu é um dos principais temas que se repetem nestas canções. Por exemplo, na canção intitulada “Swing Low, Sweet Chariot” (Balance Devagar, Doce Carruagem), uma das estrofes diz: “Olhei para o Jordão, e o que vinha ao meu encontro, para levar-me ao lar? Um grupo de anjos a procurar-me, para levar-me ao lar”. O poderoso testemunho de muitas destas canções é o de uma alegria baseada em olhar para Deus e para a bem-aventurança futura.

Esta maneira de olhar para as coisas está em harmonia com o Novo Testamento. Por exemplo,

Paulo reconheceu a realidade e a intensidade do sofrimento que somos chamados a suportar neste mundo. Ele disse: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; *se com ele sofrermos, também com ele seremos glorificados*” (Rm 8.16-17, ênfase acrescentada). Mas depois ele fez uma comparação entre as aflições que experimentamos aqui e a alegria que está guardada para nós no céu: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (v. 18). Os momentos temporais de angústia e sofrimento pelos quais passamos são nada, se comparados com a alegria que está reservada para nós no céu.

No entanto, o céu é ainda futuro, e o presente é, com muita frequência, árduo. Anos atrás, tivemos uma amiga, uma senhora de idade, que se caracterizava por um espírito alegre e uma personalidade entusiasta. Ela manteve essas qualidades mesmo quando foi diagnosticada com câncer. Mas um dia, quando a visitei no hospital, numa ocasião em que ela passava

por uma sessão de quimioterapia, eu a encontrei um pouco abatida. Ela não estava em sua personalidade alegre e animada, que lhe era peculiar. Eu disse: Dora, como você está? Ela olhou para mim, com lágrimas nos olhos, e respondeu: “R. C., é difícil ser um cristão quando você está preso ao vaso sanitário”. Depois, ela sorriu e a alegria retornou à sua face. Eu ri, também, porque pude entender o que ela havia dito. É difícil sentir alegria quando há doença e sofrimento em nossa vida.

Quando passamos por estes períodos, o conselho de Paulo é lembrarmos que Deus fixou um limite de tempo ao nosso sofrimento e que, depois desse tempo, entraremos numa condição em que não haverá mais sofrimento. Não haverá mais lágrimas, nem dores, nem ansiedade, nem tristeza, nem adversidade. Isso parece uma ilusão, mas não podemos nos esquivar do fato de que o âmago da fé cristã é a verdade de que este mundo não é o nosso lar. Nosso destino final ainda está à frente.

Portanto, o céu é a grande esperança do cristão, e o Novo Testamento diz que a esperança é a âncora da alma (Hb 6.19). Infelizmente, aqueles que

não têm a Cristo não possuem esta esperança. Em face das muitas lutas que, como cristão, tenho com a vida, às vezes me pergunto como é que as pessoas não cristãs conseguem viver. Como elas conseguem suportar sem a esperança da alegria que está guardada para nós no céu? Deveríamos ser muito mais agradecidos por esta bênção do que realmente somos. Deveríamos fixar nossos olhos no futuro, em meio ao sofrimento e à aflição.

CONFIANDO EM DEUS NAS CALAMIDADES

Um personagem bíblico que revela isto de maneira vívida e pungente é o profeta Habacuque. Ele não se sentiu pessoalmente alegre, quando viu sua nação ser saqueada por um poder estrangeiro. Esta situação gerou todos os tipos de dificuldades teológicas para ele. Num sentido real, Habacuque sofreu uma crise de fé. Ele perguntou a Deus: “Como podes permitir que estas coisas aconteçam? Como podes deixar que o mal e o sofrimento prossigam neste mundo? Tu não és tão santo, que não podes nem contemplar a iniquidade?” Ele disse: “Por-me-ei na

minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa” (Hc 2.1).

Deus respondeu ao seu profeta queixoso por se apresentar a Habacuque de uma maneira que foi bem semelhante à maneira como se manifestou a Jó. Depois, Habacuque disse: “Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu, à sua voz, tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e os joelhos me vacilaram, pois, em silêncio, devo esperar o dia da angústia, que virá contra o povo que nos acomete” (Hc 3.16). Habacuque foi tomado pela mensagem de Deus ao ponto de seu próprio corpo tremer.

O livro de Habacuque contém uma frase curta que é citada três vezes no Novo Testamento, e serve como uma afirmação temática na maior obra teológica do apóstolo Paulo, a Epístola aos Romanos (Rm 1.17). Essa frase é: “O justo viverá pela... fé” (Hc 2.4). Poderia ser traduzida desta maneira: “O justo viverá por confiança”. O que significa viver pela fé, senão confiar em Deus? A vida de fé não é apenas crer que Deus existe; é crer em Deus ou confiar em Deus.

Tenho este diálogo comigo mesmo cada vez que sinto medo: Sproul, você confia realmente em Deus? Você crê nele, quando lhe promete que isto é para o seu bem e, em última análise, para a sua alegria? Somente se cremos em Deus, podemos manter alegria em meio às dificuldades.

Como o profeta Habacuque respondeu ao Senhor? Ele disse: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação” (3.17-18).

Estas palavras parecem estranhas para nós porque Habacuque viveu há muito tempo, em uma cultura que era bem diferente da nossa. Nunca perdemos o sono à noite, nos preocupando com o florescimento dos figos. Não nos inquietamos pensando se a oliveira dará frutos. Mas, Habacuque era um judeu, e a economia de Israel era agrícola. Figo era um recurso econômico importante, assim como o era o fruto da videira, as uvas das quais o vinho era feito. Você precisa ir apenas ao Napa Valley, na

Califórnia, para ver quão importante os vinhedos podem ser para a economia de uma região. Se aqueles vinhedos fossem envenenados ou destruídos por algum tipo de calamidade natural, toda a região sofreria economicamente. De modo semelhante, nos dias de Habacuque, as oliveiras produziam óleo, que era muito importante em Israel. Se as pessoas não estavam engajadas nos vinhedos, estavam cuidando de rebanhos. A pecuária era, também, crucial.

Deixe-me tentar traduzir as palavras de Habacuque em linguagem moderna: “Ainda que a economia agropecuária fracasse, ainda que o mercado de ações quebre, ainda que a indústria automotiva se acabe, ainda que a indústria tecnológica exploda, ainda que todas estas coisas aconteçam, eu me regozijarei no Deus da minha salvação. Eu me alegrarei nele”. Isso é o que ele teria dito, se vivesse no século XXI.

Habacuque continuou, e disse por que se sentia assim: “O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente” (v. 19). A corça tem os pés muito firmes e pode se locomover como uma cabra montês, nas alturas e em lugares perigosos, atravessando espi-

nhaços estreitos sem cair na destruição. Habacuque disse que Deus tornaria seus pés como os da corça e o faria andar em lugares altos. Ele estava dizendo que, embora sobreviessem calamidades ao seu povo, embora a nação fosse saqueada, embora Israel fosse derrotado na guerra, embora a pestilência, a enfermidade e a violência afetassem tudo, ele não seria lançado no vale, mas Deus faria os seus pés como os da corça, bem firmes, capazes de subir às alturas e aos lugares santos. Deus dá esse tipo de estabilidade, até em meio às calamidades, para aqueles que lhe dão sua atenção e colocam nele sua confiança. Isso é o que Habacuque pretendia dizer, quando falou: “O justo viverá pela sua fé”. Isso é a base da alegria que temos como cristãos.



COMO ENTENDER A ALEGRIA?

Todos nós podemos lembrar momentos ou ocasiões em que experimentamos alegria extraordinária, não apenas de maneira individual, mas também dentro de nossa comunidade ou mesmo de nossa nação. Acho que posso pensar em duas dessas ocasiões.

Um dia, quando eu tinha seis anos de idade, estava jogando beisebol de rua, em Chicago. A base principal era a tampa de um esgoto bem no meio da rua e, no centro dessa tampa de esgoto, havia um pequeno

buraco de uma polegada e meia de diâmetro. Lembrou-me desse detalhe insignificante, porque meu pai havia comprado para mim um pequeno taco, que eu costumava usar para jogar beisebol de rua; e, no dia em que tive a vez de bater, deixei cair o taco, que passou por aquele buraco, e o perdi para sempre. Como você pode imaginar, essa não foi uma ocasião de alegria, mas, noutro dia, quando eu estava rebatendo, bem no meio da partida, todo o céu pareceu abrir-se ao redor de mim. As pessoas começaram a correr para fora dos apartamentos ao longo da rua, gritando, batendo em panelas, com colheres, e agindo, em geral, de uma maneira descontrolada. Por fim, comecei a entender o que elas gritavam: “Acabou! Acabou!” Era o Dia da Vitória. A Alemanha nazista havia se rendido aos aliados, e a Segunda Guerra Mundial acabara na Europa. Depois de uma luta árdua e demorada, aquele conflito titânico acabara. E toda a ansiedade e sofrimento das pessoas deram lugar à alegria indizível, e elas começaram a celebrar. Eu tinha pouco entendimento do que significava toda aquela azáfama, mas, certamente, podia dizer que muitas pessoas estavam felizes. Apenas queria que não tivessem interrompido meu jogo.

Um episódio semelhante, mas não dramático, aconteceu em 1960, quando eu tinha 24 anos de idade. Eu cresci na cidade de Pittsburgh, que tinha duas equipes de esporte profissional: os Pittsburgh Pirates, no baseball e os Pittsburgh Pittsburgh Steelers, no futebol americano. Os Steelers competiram por 40 anos, antes de ganharem seu primeiro campeonato nacional. Eles eram os perdedores eternos da Liga de Futebol Nacional. Entretanto, o recorde deles não era tão desanimador quanto o dos Pirates. Eu acompanhei todos os jogos de beisebol dos Pirates nos anos 1940 e 1950. Eu quase vivia no Estádio Forbes, e, quando não estava no jogo, eu o ouvia no rádio. Eu vivia e morria com os Pittsburgh Pirates; porém, frequentemente, eu mais morria do que vivia. Costumávamos dizer que os Pittsburgh Pirates estavam em primeiro lugar, se você virasse o jornal de cabeça para baixo. E, assim, passamos muitos anos de frustração – até 1960.

Nesse ano, os Pittsburgh Pirates ganharam, realmente, o campeonato nacional, e o Estado ficou louco. Mas, depois, é claro que eles tiveram de seguir para as finais do campeonato mundial, e enfrentar o poderoso

New York Yankees. Ninguém pensava que os Pirates tinham alguma chance. De fato, naquele ano, os Yankees estabeleceram o recorde de “runs” para uma série de partidas do campeonato mundial. Mas as pessoas não lembram disso. O que elas lembram é que os Yankees *perderam*, realmente, o campeonato mundial de 1960 para os Pirates, em um dos momentos mais dramáticos na história do beisebol. No sétimo jogo das finais do campeonato mundial, a partida estava empatada na última rodada. Os Pirates estavam batendo, e eu estava no Estádio Forbes, assentado ao longo da linha da terceira base. Bill Mazerowski, o homem da segunda base do Pirates, não era um grande rebatedor. Mas, naquele dia, ele acertou um “home run” para a esquerda do centro do campo, por cima da cabeça de um desanimado Yogi Berra. Quando isso aconteceu, um pandemônio irrompeu em Pittsburgh. Quando a bola ultrapassou a cerca, eu pulei e derrubei uma senhora de 70 anos de idade. Eu lhe falei: oh! querida senhora, desculpe-me, eu não pretendia machucá-la! Ela olhou para mim, do chão, com um sorriso em toda a sua face e disse: “Eu não me importo, filho, você poderia me jogar em qualquer lugar. Os Pirates venceram o cam-

peonato mundial”. Enquanto voltava para casa, vindo do Estádio Forbes, naquele dia, ouvia o barulho incessante de buzinas de carros em toda a cidade. Houve grande, grande alegria naquele dia, em Pittsburgh, por causa de um jogo de beisebol.

EXULTAÇÃO E DESÂNIMO

Tenho me admirado, frequentemente, de como um jogo pode tornar as pessoas felizes – ou tristes. E, como mencionei, eu vivia e morria com os Pirates, quando era menino. E o mesmo aconteceu comigo mais tarde, quando os Steelers se tornaram poderosos e começaram a vencer “Super Bowls”, nos anos 1970. Se os Steelers perdessem um jogo, eu ficava abatido por uma semana e tinha de lembrar a mim mesmo “era apenas um jogo”. O poder dos eventos esportivos de deixar-nos desapontados e abatidos é expresso, com clareza, na história clássica “Casey no taco”, escrita por Ernest Thayer. Quando Casey, a estrela do Mudville, um time de beisebol, tem miraculosamente a chance de rebater na última rodada do jogo, os espectadores supõem que ele fará um “home run” e vencerá

a partida. O que acontece? O poderoso Casey fracassa. Thayer termina a história com esta estrofe:

Oh! Em algum lugar desta terra bendita
O sol está brilhando intensamente;
A banda está tocando em algum lugar,
Em algum lugar, corações estão alegres;
Em algum lugar, as pessoas sorriem,
Em algum lugar, as crianças gritam;
Mas não há alegria em Mudville –
O poderoso Casey não conseguiu rebater.⁴

No ensino médio, joguei beisebol, e disputamos o campeonato da cidade por dois anos seguidos. No primeiro ano, vencemos na última rodada, e nunca esquecerei isso. Fiquei tão emocionado. Senti-me como se estivesse andando no ar. No ano seguinte, perdemos a final do campeonato, e isso causou um sentimento terrível. Isso sempre acontece, na disputa de um campeonato. Quando a partida é decidida em favor de um dos times, há alegria e celebração eufórica, no lado vencedor. Os jogadores pulam de alegria, abraçam uns aos outros e, às vezes, correm para

⁴ Extraído de “Casey at the Bat”, por Ernest Lawrence Thayer, 1888.

as arquibancadas, para se alegrar com seus queridos. Depois, a câmera muda para o lado dos perdedores, e ali vemos lágrimas, tristeza e desapontamento.

É claro que um jogo não é realmente *apenas* um jogo. As equipes de esportes pelas quais torcemos e com as quais nos identificamos vicariamente representam não somente a nossa cidade ou nosso país, mas também cada um de nós. Elas nos representam em conflito, em competição, em lutarmos por realização. Muitas das aspirações e esperanças dos seres humanos são expressos em coisas como eventos esportivos, que são realmente representações da luta humana. Você já percebeu que, quando nosso time vence, dizemos: *nós* vencemos; mas, quando nosso time perde, nós dizemos: *eles* perderam? Amamos identificar-nos com um vencedor, mas não ficamos felizes em identificar-nos com um perdedor.

ALEGRANDO-SE INCLUSIVE NAS PERDAS

Depois de muitos anos, comecei a descobrir que é possível eu me alegrar, mesmo quando meu time perde. Como pode ser isso? Eu costumava ficar

muito triste quando via o outro time realizar suas celebrações, depois de ter vencido o meu time. Por fim, comecei a entender que aqueles jogadores estavam emocionados porque tinham conseguido algo pelo que haviam trabalhado bastante. Estavam experimentando o que era, para eles, uma ocasião de grande alegria. Não era como se tivesse acontecido uma catástrofe nacional, em que todos sofreram perdas. Havia algumas pessoas felizes, e comecei a descobrir que poderia ter prazer na felicidade delas.

Afinal de contas, a Bíblia nos diz: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15). Esse é um dos princípios fundamentais da alegria. Ela nos ensina que nossa alegria não deve ser restringida a nossas circunstâncias ou a nossas próprias realizações, mas devemos ser capazes de sentir alegria pelas outras pessoas, por suas realizações, por seu sucesso e por sua generosidade.

Já foi dito que toda tacada no jogo de golfe torna alguém feliz. Se faço uma boa tacada, eu fico feliz, mas o meu adversário fica triste. Se meu adversário faz uma tacada ruim, isso o deixa triste e, por outro lado, me alegra. Mas o que isso diz a meu respeito?

Diz que minha alegria é tão egocêntrica, tão restrita às minhas próprias circunstâncias que, se as coisas não saem da maneira como desejo que saiam, a maneira pela qual me benefico diretamente, não posso ficar feliz. Para seguir a ética do Novo Testamento, preciso ser capaz de me alegrar com aqueles que se alegram – e isso inclui aquelas ocasiões em que eles se alegram porque me venceram. O ensino é que não devemos ser invejosos ou cobiçosos, mas devemos ser capazes de identificar-nos com a alegria de outras pessoas.

Pela mesma razão, somos chamados a identificar-nos com a tristeza de outras pessoas. Isto é o que chamamos de empatia e envolve sentir o que os outros sentem. O próprio Senhor Jesus exemplificou esta virtude. De que outra maneira podemos explicar o menor versículo da Bíblia: “Jesus chorou” (Jo 11.35)? Jesus, que proclamou ser ele mesmo “a ressurreição e a vida” (v. 25), foi ao sepulcro de Lázaro sabendo de tudo, que faria ressuscitar seu amigo dentre os mortos. Mas todos estavam chorando, inclusive as duas irmãs de Lázaro, Maria e Marta. Elas eram amigas de Jesus, que, por essa razão, se identificou com a tristeza delas, enquanto choravam.

Certamente, precisamos de graça para sermos capazes de achar alegria em nosso coração, quando experimentamos alegria por causa de um ganho que é, de algum modo, uma perda de nossa parte. Isto envolve mais do que apenas jogos de beisebol. Envolve muitas coisas que tocam nossa vida diária. Mas, como cristãos, Deus nos capacita a olhar para as coisas não à luz de nossas perspectivas egoístas, mas à luz das perspectivas dos outros.

A MELHOR MANEIRA DE ENTENDER A *ALEGRIA*

No meu primeiro ano como uma nova criatura em Cristo, aprendi um conceito simples a respeito da palavra *alegria*. Aprendi que a palavra *alegria* envolve, essencialmente, três pessoas: Jesus, os outros e você mesmo. E a principal lição é que o segredo da alegria é colocar Jesus em primeiro lugar, os outros, em segundo, e você mesmo, em terceiro. Obviamente, esta é uma ideia simples, tão simples que uma criancinha pode aprendê-la e entendê-la, porém é muito mais difícil internalizá-la. Mas esta ideia contém uma verdade profunda. A alegria é frequentemente enganosa,

porque colocamos a nós mesmos em primeiro lugar e Jesus em último. Quando isso acontece, estamos procurando entender a *alegria* na ordem inversa e precisamos reordenar nossas prioridades.

Não somente precisamos colocar Jesus em primeiro lugar, também precisamos colocar os outros à nossa frente. Tive, certa vez, uma conversa demorada com uma mulher que passava por um severo tratamento de câncer. Durante todo o tratamento, ela mostrou um contentamento admirável. Toda vez que eu a encontrava, ela parecia alegre. Comecei a conversa perguntando-lhe: como você está? Em cerca de quinze segundos ela me deu um resumo de como estava e, depois, me perguntou: “E *you*, Sproul, como está?” Respondi a pergunta, mas foi somente depois que a conversa terminou que me ocorreu a verdade. Eu tinha ido ao hospital para confortá-la e manifestar meu interesse no seu bem-estar, mas, enquanto conversamos por quase meia hora, talvez apenas quinze segundos foram dedicados à sua condição. No restante do tempo, falamos sobre meus problemas e preocupações, e ela me confortou. Eu não pude acreditar. Não é admirável que ela fosse tão

alegre, pois, em última análise, não estava envolvida em si mesma.

Jesus foi chamado “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53.3); ele era familiarizado com as nossas tristezas e dores. Jesus é a única pessoa na História que praticou o conceito de *alegria* sem colocar a si mesmo em primeiro lugar. Ele colocou a si mesmo em último lugar, para tornar possível o desfrutarmos de alegria. Embora Jesus tenha sido um homem de dores, creio que ele foi o ser humano mais alegre que já viveu, porque conhecia o Pai melhor do que qualquer outro ser humano. Além disso, Jesus era mais consonante com a vontade de Deus do que qualquer outro ser humano, sendo obediente a essa vontade; e a obediência traz alegria para a alma. Nem mesmo a dor e o tormento que ele teve de suportar foram capazes de roubar-lhe a alegria.

Portanto, se queremos ser alegres, precisamos aprender a alegrar-nos com os que se alegram e chorar com os que choram. Mas não podemos fazer isso se, de algum modo, não somos capazes de fugir de uma vida em que nos preocupamos apenas com nós mesmos.



Capítulo Quatro

A MAIOR ALEGRIA

Em determinado momento de seu ministério terreno, Jesus enviou um grupo de seus discípulos em sua própria missão de pregar o evangelho, e curar os enfermos e aqueles que estivessem sob possessão demoníaca. Lucas escreveu:

Depois disto, o Senhor designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar onde ele estava para ir. E lhes fez a seguinte advertência: A seara é grande, mas os

trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande trabalhadores para a sua seara. Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho. Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa! Se houver ali um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; se não houver, ela voltará sobre vós. Permaneci na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; porque digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis a mudar de casa em casa. Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido. Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus. Quando, porém, entrardes numa cidade e não vos receberem, sai pelas ruas e clamai: Até o pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós outros. Não obstante, sabeis que está próximo o reino de Deus. Digo-vos que, naquele dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade. Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom, se tivessem operado os milagres que em

vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, assentadas em pano de saco e cinza. Contudo, no Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outros (Lc 10.1-14).

Jesus designou 70 de seus seguidores para irem por toda a terra da Palestina, a cada povoado e vila aos quais ele mesmo estava prestes a ir, para proclamarem a vinda do reino de Deus. Ele os advertiu de que em muitos lugares não seriam bem recebidos. Como Jesus disse, eles seriam “cordeiros” no “meio de lobos”. É claro que a comissão de irem com a mensagem a respeito de Cristo pertence, agora, a toda a igreja; por isso, esta advertência se aplica a cada um de nós. O mundo nem sempre mostra alegria em receber nossa mensagem, e, às vezes, nos sentimos como ovelhas que são levadas para o matadouro.

Estas palavras devem ter sido desanimadoras para os 70 discípulos. Lucas não nos diz isso explicitamente, porém imagino que eles saíram com alguma medida de temor. No entanto, Lucas é explícito quanto à atitude dos 70 discípulos, quando voltaram. Ele escreveu: “Regressaram os setenta, possuídos de

alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!” (v. 17). Com toda a probabilidade, eles saíram temerosos e apreensivos, mas voltaram com alegria sobremodo grande. Por que estavam felizes? Porque haviam sido bem sucedidos. Deus os usara, e eles tinham visto a manifestação do poder de Cristo em seu ministério. Além disso, os discípulos afirmaram que estavam felizes porque os demônios lhes eram submissos, em nome de Jesus. Portanto, eles ficaram cheios de exultação por duas razões: sucesso e poder. Estes são os tipos de coisas que também apreciamos.

Mas, Jesus não se identificou imediatamente com a alegria deles. Jesus lhes disse: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano. Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (vv. 18-20).

Precisamos considerar estas palavras de Jesus. É óbvio que ele entendia a exultação de seus discípulos, que haviam desfrutado de sucesso no ministé-

rio, mas os advertiu a respeito de terem um fundamento errado para a sua alegria. Jesus disse que eles não deviam se regozijar no fato de que os demônios lhe eram submissos; em vez disso, deviam se regozijar no fato de que seus nomes estavam escritos no céu. Neste ponto, nosso Senhor identificou o fundamento supremo da alegria cristã. Nossa alegria deve vir da certeza de que temos a redenção em Cristo. A maior alegria que uma pessoa pode ter é saber que seu nome está escrito no Livro da Vida do Cordeiro, que ela é salva e estará para sempre com Cristo.

CULPA E ALEGRIA

Nos anos 1960, conheci um homem que viera da Inglaterra para os Estados Unidos, havia menos do que uma semana. Seu nome era John Guest, que se tornou um ministro da Igreja Episcopal e um evangelista nacional. Quando nos encontramos pela primeira vez na Filadélfia, ele tinha um cabelo crescido até aos ombros e um violão pendurado em suas costas. Ele parecia muito com um membro dos Beatles e, de fato, era de Liverpool, na Inglaterra, como

os Beatles o eram. John estava trabalhando como um evangelista que ministrava, primariamente, em campus de faculdades. Ele ia às faculdades com sua banda de rock, cantava para atrair grande número de pessoas e, depois disso, pregava e ensinava.

A conversão de John tinha sido algo dramático. Ele foi a uma reunião em que ouviu o evangelho, e ali sua vida foi totalmente mudada. John conheceu a Cristo e experimentou o perdão de seus pecados. Ele compartilhou comigo que, ao voltar para casa naquela noite, não andava pelas ruas, mas, em vez disso, pulava como criança, saltando ocasionalmente por sobre os hidrantes. John estava totalmente cheio de alegria em seu novo relacionamento com Cristo.

Entendo isso muito bem. Saber que nossos pecados foram perdoados nos dá um alívio tremendo. Todo o fardo de culpa é removido. A culpa é fundamentalmente algo que deprime. Sufoca qualquer sentimento de bem-estar e nos rouba a paz. Ela atormenta a nossa alma. É talvez o obstáculo mais importante à nossa alegria. Portanto, quando a culpa é removida, a alegria inunda a nossa alma.

Há uma diferença entre culpa e sentimentos de culpa. A culpa é objetiva. Incorremos em culpa real toda vez que transgredimos a lei de Deus. No entanto, os nossos sentimentos nem sempre estão em consonância com a realidade. Há pessoas que são descritas, no sistema de justiça criminal, como sociopatas ou psicopatas, porque são capazes de cometer crimes hediondos sem sentir qualquer remorso. Todavia, a sua falta de sentimento não altera a realidade de sua culpa. A culpa é determinada não pelo modo como nos sentimos, e sim pelo que fazemos. Apesar disso, há frequentemente uma relação íntima entre as dimensões objetiva e subjetiva da culpa – entre a realidade da transgressão e os nossos sentimentos subjetivos de remorso e paralisia.

Vejo os sentimentos de culpa como semelhantes à dor física. A dor é um sintoma de que algo está objetivamente errado em nosso corpo. No aspecto médico, a dor é um benefício enorme para nós, porque dá o sinal de que há um problema que precisa ser tratado. Assim como há pessoas que não sentem nenhuma culpa por seus crimes, também há pessoas que perderam a capacidade de sentir coisas físicas; e elas estão em

um perigo muito grave a cada momento, porque não sabem quando uma doença séria afligiu seu corpo. A dor é o sinal de alerta. Assim também é a culpa e os sentimentos de culpa. Quando tenho uma dor de dente, isso me diz que há algo errado em meu dente. A dor me faz ir ao dentista para reparar o dente, para que a dor desapareça. Sentimentos de culpa devem fazer a mesma coisa; devem nos dizer que algo está errado e nos impelir a procurar ajuda. Quando nossa culpa objetiva é tratada e sentimentos de culpa subjetivos desaparecem, sentimos grande alegria.

CONFUNDINDO PRAZER COM ALEGRIA

Quando eu era menino, meus pais me faziam ir à igreja todo domingo de manhã. Eu não tinha nenhum desejo de ir. Achava o culto de adoração enfadonho e mal podia esperar que acabasse, para eu ir jogar. Mas a classe semanal de catecismo, realizada aos sábados pela manhã, era pior do que os cultos dominicais. Este foi o ponto mais crítico de minha experiência de infância na igreja. Eu tive de passar pela classe de comungante e, depois, para a classe de catecismo, na qual eu

e outros meninos e meninas tivemos de memorizar o Breve Catecismo de Westminster. Suportei tudo isso apenas para me tornar membro da igreja e terminar o curso, para que meus pais ficassem satisfeitos. Só me converti vários anos mais tarde.

Quando me tornei realmente um cristão, senti-me desejoso de ter prestado mais atenção à classe de catecismo. A única coisa que lembrava do Breve Catecismo era a primeira pergunta e sua resposta, e a única razão por que eu lembrava essa pergunta era que eu não conseguia entendê-la. A pergunta era esta: “Qual é o fim principal do homem?” A resposta que devíamos aprender e recitar era esta: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”. Eu não conseguia harmonizar essas duas coisas. Eu entendia, mesmo como criança, que a ideia de glorificar a Deus tinha algo a ver com obedecer-lhe, algo a ver com a busca de justiça. Mas isso não era o que me interessava mais particularmente. Meu fim principal não era ser um filho obediente a Deus, de maneira alguma. E, porque meu fim principal não era ser um filho obediente a Deus, eu não podia entender como havia uma relação entre glorifi-

car a Deus e gozá-lo para sempre. Para mim, as duas coisas pareciam antagônicas, incompatíveis.

Meu problema era que eu estava confuso quanto às duas ideias fundamentais. Não sabia a diferença entre prazer e alegria. Queria prazer, porque pensava que a única maneira como eu poderia ter alegria era por meio da aquisição de prazer. Mas, depois, descobri que, quanto mais prazer eu adquiria, menos alegria possuía, porque estava buscando prazer em coisas que exigiam desobediência a Deus. Esta é a atração do pecado. Pecamos porque é prazeroso. A sedução do pecado é pensarmos que ele nos tornará felizes. Pensamos que o pecado nos dará alegria e satisfação pessoal. Mas o pecado nos dá apenas culpa, que arruína e destrói a alegria genuína.

Minha conversão foi essencialmente uma experiência do perdão de Deus. Se houvesse um hidrante onde eu estava quando me converti, teria pulado sobre ele, porque experimentei a diferença entre prazer e alegria. Descobri, em minha própria conversão, a mesma coisa que John Guest descobriu.

O Salmo 51 é o maior exemplo de arrependimento que encontramos nas Escrituras. Neste sal-

mo, Davi, sob a convicção do Espírito Santo, foi trazido ao arrependimento por seu pecado com e contra Bate-Seba. Ele estava abatido e contrito em seu coração, buscou a Deus e clamou por perdão. Davi disse: “Restitui-me a alegria da tua salvação” (Sl 51.12). Aqueles que experimentaram o perdão de Deus e a alegria inicial desse perdão precisam sempre ter essa alegria restaurada, ter a culpa de seu pecado removida, para que a alegria retorne. Quando buscamos diariamente o perdão de Deus, retornamos ao começo de nossa alegria – o dia em que descobrimos que nosso nome está escrito no céu.

Bilhões de pessoas nunca experimentaram a alegria da salvação. Se você é uma delas, digo-lhe que não há no mundo nada como essa alegria. Apenas imagine: ter todos os pecados que você já cometeu apagados por Deus, e ter removidos toda a culpa que você acumulou e todos os sentimentos de culpa decorrentes. Isso foi o que Cristo veio fazer. Ele quer nos dar alegria e não apenas poder ou sucesso. Seu dom é a alegria, que resulta de sabermos que nossos nomes estão escritos no céu.



Capítulo Cinco

PLENITUDE DE ALEGRIA

Uma das características singulares do Evangelho de João, que tem sido um deleite para os cristãos, através dos séculos, são as famosas afirmações “Eu sou” proferidas por Jesus. Por exemplo, Jesus disse: “Eu sou o pão da vida” (6.48); “Eu sou a luz do mundo” (8.12); “Eu sou a porta” (10.7); “Eu sou o bom pastor” (10.14); “Eu sou a ressurreição e a vida” (11.25). Todas estas afirmações nos ajudam a entender melhor quem é Jesus e o que ele fez por seu povo, durante sua estadia terrena.

Em todos os relatos bíblicos das afirmações “Eu sou”, feitas por Jesus, o grego tem uma forma estranha. Comumente, “Eu sou” é a tradução da palavra grega *eimi*. Mas, nestas ocasiões em que Jesus disse: “Eu sou”, o grego é uma forma intensiva: *ego eimi*. É quase como se Jesus estivesse gaguejando, como se estivesse dizendo: “Eu, eu sou”.

Para mim, é fascinante que esta frase grega específica – *ego eimi* – seja usada na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, para traduzir o Tetragrama, o grande nome de Deus: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14), que é frequentemente expresso como *Yabweb* no hebraico. Quando *Yabweb* foi traduzido para o grego, os tradutores usaram a frase *ego eimi*. Portanto, parece que Jesus estava se identificando conscientemente como Deus, por meio de suas afirmações “Eu sou”.

A última das afirmações “Eu sou” ocorre no capítulo 15 do Evangelho de João, onde o evangelista nos diz que Jesus falou: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor” (Jo 15.1). Observe que Jesus não disse, simplesmente, que ele é a videira, mas especificou que tipo de videira ele é – a videira *verdadeira*. Isso significa que Jesus é a videira genuína ou a

videira autêntica. Por que ele fez esta distinção? Jesus não disse, mas há uma explicação aceita pela maioria dos estudiosos bíblicos. Eles comentam que, no Antigo Testamento, Deus entrou num relacionamento específico e especial com seu povo, a nação de Israel. E, por essa razão, os israelitas são frequentemente retratados como a vinha de Deus ou a videira de Deus (Is 5.7; Os 10.1). Israel é a videira que Deus plantou, cultivou, podou e usou com o propósito de produzir fruto que alimentaria e enriqueceria todo o mundo.

No Novo Testamento, descobrimos que Jesus não veio apenas para redimir seu povo, mas também para incorporar a própria nação de Israel. Num sentido último, Jesus é o Israel de Deus. Por exemplo, Deus falou por intermédio do profeta Oseias: “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho” (Os 11.1). Israel, a nação que Deus redimiu da escravidão no Egito, foi chamada filho de Deus. Logo depois que Jesus nasceu, um anjo avisou a José que fugisse para o Egito, a fim de escapar da inveja do rei Herodes. Depois, quando a família retornou a Israel, Mateus cita este versículo de Oseias, em referência a Jesus: “Para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por in-

termédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho” (Mt 2.15). Portanto, vemos esta identidade ou conexão metafórica entre Jesus e a nação de Israel. Jesus teve um tipo de solidariedade com o povo de Deus histórico.

A ideia foi comunicada, parcialmente, quando ele disse: “Eu sou a videira verdadeira”. Entretanto, Jesus também estava dizendo que Israel falhara em enriquecer o mundo como a videira de Deus. Por causa disso, Jesus apareceu como a videira verdadeira, que tinha a seu Pai como o agricultor, aquele que planta, cultiva e poda a videira.

VIDA POR MEIO DA VIDEIRA

Jesus continuou e disse: “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda” (v. 2). Eu não tenho habilidade com plantas, e meu conhecimento de agricultura é muito rudimentar. No entanto, tenho experiência com o crescimento de rosas e aprendi que, depois que as flores começam a morrer, precisam ser cortadas de um ponto do caule. Se eu removo diligentemente os aspectos mortos

da planta, as flores se tornam ainda mais bonitas, no devido tempo. Este processo me parece contrário à intuição; eu suporia que, por cortar uma parte de uma planta, estaria prejudicando-a ou mesmo destruindo-a. Mas o processo de poda se focaliza nos nutrientes da planta, levando-a a produzir fruto mais consistentemente. Este processo é muito importante no cuidado de vinhas, que são a videira da metáfora de Jesus.

Prosseguindo, Jesus disse: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (v. 3). Nestas palavras, Jesus está se dirigindo aos seus discípulos, os crentes, aqueles que já desfrutam de comunhão com ele e têm um relacionamento salvador com ele. Jesus disse que seus discípulos já estão “limpos”. Depois, acrescentou: “Permaneçei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim” (v. 4).

O que acontece com os ramos que são podados de uma videira ou de um galho? Depois de serem cortados, murcham e morrem. São cortados de sua fonte de vida. É óbvio que tais ramos não produzirão qualquer fruto. São incapazes disso.

Um dia, durante um churrasco na casa de um dos membros de sua igreja, um ministro caminhou até à churrasqueira para falar com o dono da casa, que havia parado de frequentar os cultos de adoração semanais. O ministro esperava encorajá-lo a começar a frequentar a igreja novamente. Quando perguntou ao homem por que havia parado de ir à igreja, ele lhe respondeu: “Eu sou um cristão, mas não acho que preciso da igreja. Posso me sair muito bem sozinho. Sou um tipo de pessoa independente. Não sinto necessidade da comunhão com outras pessoas, para me estimularem em meu andar com o Senhor”.

Enquanto o ministro ouvia a explicação do homem, observou que o carvão na churrasqueira estava ficando incandescente. Sem dizer nada, o ministro pegou uma pinça e separou um dos carvões incandescentes dos outros. E prosseguiu em sua conversa com o homem. Entretanto, depois de alguns minutos, o ministro foi à churrasqueira e pegou aquele carvão com sua mão desprotegida. Em seguida, olhou para o homem e disse: “Você viu o que aconteceu aqui? Somente alguns minutos atrás, eu não ousaria tocar neste carvão porque estava muito quente. Mas, visto que o separei do resto dos carvões, ele

parou de queimar e se tornou frio. Não podia mais assar a carne que estava na churrasqueira. Isso é o que lhe acontecerá. Você precisa do corpo de Cristo. Precisa da igreja de Cristo. Precisa da comunhão dos santos e da congregação do povo de Deus. Não somos individualistas rígidos, que são chamados a viver em isolamento dos outros”.

Esse ministro estava certo. A companhia de outros crentes mantém a nossa fé viva e ativa. Ora, se esfriamos quando somos removidos da conexão com outros crentes, não haveremos de murchar se nos separarmos da verdadeira fonte de poder, que é o próprio Cristo?

Isto era o que Jesus estava argumentando nesta passagem. Seremos infrutíferos e murcharemos espiritualmente, se não permanecermos em Cristo, a videira verdadeira. A palavra grega traduzida por “permanecer”, nesta passagem, é *meno*. Também poderia ser traduzida por “estar” ou “ficar”. Se quisermos ser frutíferos, não podemos apenas visitar Jesus, de vez em quando. Precisamos permanecer nele.

Deixe-me enfatizar que nesta passagem Jesus não estava falando sobre perda de salvação. Isto é outro assunto. Estava nos lembrando que somos inclinados a vaguear, a parar de beber da fonte de nosso poder e

de nossa vitalidade espiritual, que é o próprio Cristo. Então, a lição de Jesus para nós é ficarmos perto dele: “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim”. Em palavras simples, todos os esforços que fazemos para sermos alegres e produtivos, ou para realizar alguma coisa digna do reino de Deus, são exercícios de futilidade, se tentamos fazê-los em nosso próprio poder. Os cristãos precisam entender que sem uma firme conexão com Cristo, que é a fonte de poder, seremos totalmente infrutíferos.

PLENITUDE DE ALEGRIA

Jesus continuou e disse:

Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e

vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei; permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo (vv. 5-11).

Foi somente nas palavras finais desta passagem que Jesus explicou por que havia ensinado aos discípulos estas coisas: “Para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo”. Observe três coisas neste importante ensino.

Primeira, a alegria que Jesus quer ver em nós é a *sua* alegria. Anteriormente, Jesus havia falado sobre paz aos seus discípulos, dizendo: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” (Jo 14.27). De onde vem a paz do cristão? Vem de Jesus; na verdade, é a paz de Jesus. De maneira semelhante, a sua própria alegria está disponível a nós; e ele quer vê-la habitando em nós.

Segunda, Jesus quer que a sua alegria *permaneça*

em nós. Ele deseja que tenhamos uma alegria permanente e não uma montanha-russa de disposições, que se alternam entre alegria e infelicidade. Se quisermos ser continuamente alegres, precisamos permanecer em Cristo.

Terceira, Jesus distingue entre a sua alegria e a nossa alegria, e expressa seu desejo de que nossa alegria seja completa: “Para que... o vosso gozo seja completo”. Não é isso que nós queremos? Não queremos uma medida parcial do fruto do Espírito. Não queremos apenas um pouquinho de alegria. Queremos toda a alegria que o Pai entesourou para seu povo. Essa plenitude de alegria vem de Cristo. Inicialmente, é a sua alegria que ele nos dá, e, à medida que estamos conectados nele, esta alegria que vem dele cresce, aumenta e se torna plena.

Ninguém que está lendo este livro jamais experimentou o mais elevado nível de alegria que está disponível para o povo de Deus. Embora desfrutemos de muita alegria neste momento, há ainda mais alegria a ser desfrutada. Há uma plenitude que nos aguarda, à medida que o fruto do Espírito é nutrido pela videira verdadeira.

Projeto

Vidas em Jogo

Este livro faz parte do projeto Vidas em Jogo, elaborado pelo Ministério Fiel para a Copa do Mundo Brasil 2014, em parceria com igrejas brasileiras e com o apoio do ministério americano Ligonier.

Preparamos para você um site com diversos conteúdos gratuitos (e-books, artigos, vídeos e muito mais), para que você conheça Deus de forma mais profunda.

Visite nosso site

[ministeriofiel.com.br/
copa](http://ministeriofiel.com.br/copa)





O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso site

www.ministeriofiel.com.br



MINISTÉRIO LIGONIER

O ministério americano Ligonier é a associação de ensino do Dr. R.C. Sproul, dedicado a ajudar cristãos a saberem no que creem, por que creem e a como devem viver e compartilhar sua crença.

Disponibilizamos em nosso site cursos, materiais de estudo e diversos recursos multimídia, a fim de proclamar, ensinar e defender a santidade de Deus em sua plenitude para o máximo de pessoas possível.

Visite nosso site

www.facebook.com/MinisterioLigonier

VOCÊ É FELIZ?

A alegria é um tema popular nos dias de hoje. Livros oferecem uma variedade de meios e atividades para se encontrar a felicidade. Mas parece que são poucos os que podem afirmar tê-la encontrado de verdade – ou mesmo que possam dizer que são alegres.

Neste livro, o Dr. Sproul mostra que o caminho para a verdadeira, profunda e duradoura felicidade é um relacionamento vivo com Deus, por meio de Jesus Cristo. Quando alguém conhece Cristo, experimenta a plenitude de alegria e felicidade.



Dr. Sproul é ministro evangélico presbiteriano e pastor da igreja St. Andrews Chapel, na Flórida. Ele é o fundador e presidente do ministério Ligonier. Durante seus mais de quarenta anos dedicados ao ensino acadêmico e na igreja, o Dr. Sproul tem buscado transmitir as verdades profundas da Bíblia com clareza e praticidade

Acesse nossa página na internet e faça parte da nossa comunidade
facebook.com/MinisterioLigonier & www.ministeriofiel.com.br/copa



ISBN-13: 978-85-8132-154-7



9 788581 321547

Categoria: Vida Cristã